

DESVIOS FRAGMENTADOS – CAVANDO OBJETOS E DESVELANDO HISTÓRIAS

DESVIOS FRAGMENTADOS – CAVANDO OBJETOS Y DESVELANDO HISTORIAS

Edson Macalini / UNIVASF

RESUMO

A pesquisa em Artes Visuais é uma negociação de percepções e sentidos. As confrontações que se encontram no processo artístico consolidam-se nos desvios e desvendamentos que surgem acidentalmente no percurso. Por este viés, estruturou-se esse artigo, que pretende refletir sobre os atravessamentos na produção do artista visual. Motivado pelo tema "*Prática e Confrontações*" do 27º Encontro da ANPAP, a intenção está em ampliar os horizontes das poéticas artísticas como campo de investigação potencial para se pensar arte na contemporaneidade. A ponta do *Iceberg* é só o começo de sua gigantesca dimensão, assim como, o caco é só o fragmento da louça despedaçada, que, após serem desvendados expõem seus lugares como objetos no mundo. Trataremos nesse artigo sobre descobertas e desvios na composição de um conjunto expositivo de uma residência artística.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa em artes visuais; Poéticas; Desvios; Descobertas.

RESUMEN

La investigación en Artes Visuales es una negociación de percepciones y sentidos. Las confrontaciones que se encuentran en el proceso artístico se consolidan en las desviaciones y desentendimientos que surgen accidentalmente en el recorrido. Por este sesgo, se estructuró ese artículo, que pretende reflexionar sobre los atravesamientos en la producción del artista visual. Motivado por el tema "Práctica y Confrontaciones" del 27º Encuentro de la ANPAP, la intención es ampliar los horizontes de las poéticas artísticas como campo de investigación potencial para pensar arte en la contemporaneidad. La punta del Iceberg es sólo el comienzo de su gigantesca dimensión, así como, el caco es sólo un fragmento de la vajilla despedazada, que, después de ser desveladas exponen sus lugares como objetos en el mundo. Hablamos en este artículo sobre descubrimientos y desvíos en la composición de un conjunto expositivo de una residencia artística.

PALAVRAS CLAVE: Investigación en artes visuales; poética; desviaciones; Descubrimientos.

O impulso embrionário ou o acaso

Vontades, desejos e confrontações geram o impulso e motivam os artistas nas pesquisas em artes visuais, concomitante a isso, encontram-se os desvios e desvelamentos no processo, que, tais quais, pode-se qualificar ao acaso na arte. Nos processos artísticos a casualidade não é caracterizada como sintoma aos descartes de formas definidas e nem estruturas lógicas, embora possa ocorrer planejamento ou não, as investidas são como cacos quebrados ou peças de um quebra cabeça, não possuem método para a montagem, mas a intenção e a constituição de algo pré-estabelecido para gerar a obra de arte.

Estas ações ou acontecimentos respondem a fenômenos que incluem ou são classificados como acidentes: eventos imprevistos ou provocados; e aleatórios: ações e/ou seqüências planejadas, sujeitas às regras, as quais determinam resultados específicos, desconhecidos de antemão. (CHAPMAN, p. 02, 2007)

As palavras iniciais remontam processos já percorridos e se encontram na ação e intenção da pesquisa nas poéticas artísticas. Dentre a sorte dos cacos coletados, nas entradas às casas abandonadas, nas caminhadas às sombras dos olivais, nas touceiras de lavandas avistadas, ou o toque nas pedras antigas dos muros medievais e repletos de musgos, as terras que foram engarrafadas, as folhas e flores que foram guardadas entre as páginas dos livros, ou os caldos quentes que aqueciam toda a casa do artista modernista já falecido, se constituiu o trabalho. Assim como, o sol quente tal qual um cobertor que queimava e rachava o meu rosto, lembro de Sanfins do D'ouro - Portugal, não só como local de passagem, mas como de *insights* e percepções estéticas. Terra, que, aos pés de pequenas montanhas repletas de parreirais, favas, oliveiras, amêndoas e cerejas, conceberam a mim, encontros com a arte.

I. Porque o trabalho do artista visual é repleto de reflexões, construções e desvelamentos?

R. Porque é abarrotado de desvios e descobertas.

Respondo minha própria pergunta por que acredito no processo de investigação em artes visuais na contemporaneidade como lugar de inquietações e impulsos. Pois,

não sabemos ao certo o que encontraremos ao final do caminho, mas sabemos que lá existirá algo que estamos buscando.

Assim também, encontra-se a intuição, tão preciosa a arte, cuja ligação entre o empírico e o científico, ou o conhecimento do artista não respaldado ao ato restrito de raciocinar e conceber conceitos, mas de agir intuitivamente em buscas por soluções do seu trabalho. Ligada a intuição, a criatividade é defendida por Zamboni (2012) como o processo criativo, onde os momentos intuitivos ordenam uma sequência criadora ao ato do fazer artístico, indo ao encontro de alguma coisa, buscando algo novo e solucionando problemas, e, do mesmo modo à arte, está o conhecimento científico.

[...] como qualquer atividade humana, pesquisa enquanto processo não é somente fruto do racional: o que é racional é a consciência do desejo, a vontade e a predisposição para tal, não o processo da pesquisa em si, que intercala o racional e o intuitivo na busca comum de solucionar algo. Esses conceitos servem tanto para a ciência quanto para a arte, pois pesquisa é a vontade e a consciência de se encontrar soluções, para qualquer área do conhecimento humano (ZAMBONI, 2012, p. 51).

Destarte, esse trabalho surgiu de vontades, ou de um desejo que atravessou. Como aquele livro que cai da estante da biblioteca e que lhe fere o dedo, salta com impulso e anseio de ser visto. Assim apareceu o livro "*Formação de cidades no Brasil Colonial*" do Professor Paulo Ferreira Santos da Universidade de Brasília - UNB, que discorre sobre o processo da colonização europeia em território brasileiro, ao qual me interessei pelos fatores estéticos e arquiteturais das cidades coloniais.

Este livro possibilitou o impulso de olhar para as casas no interior do estado do Amazonas, entre 2015 e 2016, período em que lá vivi, ao qual permitiu refletir como se pensou a moradia naquele local, que difere climaticamente e geograficamente aos territórios dos europeus que lá colonizaram. Embora tenha lido e estudado diversos artigos sobre o assunto na época, essa passagem foi apenas um caminho para narrar esse atravessamento. O que interessei mesmo foram os desenhos urbanos, mapas e projetos de construções das cidades no período da colonização Portuguesa as margens do Rio Amazonas que resultaram numa proposição investigativa para olhar duas cidades, uma brasileira - Parintins/AM e uma

portuguesa - Sanfins do D'ouro/PT, a partir de seus desenhos e configurações do ambiente urbano e espaços da cidade.

Cidades Multicontinentais: o projeto e o desenho urbano na expansão territorial amazônica

A princípio o projeto foi apresentado a Fundação Casa Museu Mauricio Penha de Sanfins do D'ouro - PT, que recebe propostas de Residências de artistas do mundo todo para ocuparem os lugares do artista em questão. A proposição compreendia o desvelamento histórico da instalação das cidades brasileiras na região amazônica comparada a cidade portuguesa. Para tanto, buscou-se informações na história geral e história da arte, arquitetura e urbanismo, geografia e as produções visuais tendo em vista as construções das cidades pela coroa portuguesa e espanhola, bem como, as referências aos mesmos nomes de cidades existentes nos dois países. O projeto de início dividia-se em ações, tendo como primeira atividade uma residência artística na cidade portuguesa, comparando-a com a cidade brasileira, entre imagens coletadas, fotografias, materiais cartográficos e informações pertinentes à construção da cidade durante a ocupação portuguesa nas margens da bacia amazônica.

A primeira motivação gerada era o impacto da criação das cidades na região amazônica ao perpassar questões culturais e de condições geográficas e climáticas. Definiu-se como problema: Qual o modelo de urbanização europeu em terras amazônicas que se pretendia no período da expansão marítima? E também uma hipótese: Desconsiderava-se “quaisquer” conhecimentos nativos ou locais para a instalação das cidades sedes da coroa neste território? No livro de Paulo Santos, encontrou-se luzes a tais questionamentos, e ainda, outros que se somaram, tais como: mesmo projeto urbano e arquitetônico entre cidades portuguesas, brasileiras e de outros territórios de colonização portuguesa.

Nesse sentido, o respectivo projeto pretendeu desvelar/estudar como se deu a instalação dessas cidades na expansão e demarcação territorial da colônia portuguesa e se houve, também, influências das concepções estéticas espanholas para este fim, estudando os mapas e os desenhos cartográficos da época, bem como as próprias cidades.

O projeto de residência estava baseado nessas deflagrações apontadas acima. No entanto, pouco antes de um mês da viagem, tomei um barco rumo: Parintins-AM/Nhamundá-AM. Chegando lá, na ribeira do rio um fragmento na areia cutucou o meu pé. Era um caco triangular de cerâmica. Lavei, guardei na mochila e sem perceber voou comigo para Portugal.

Chegando lá, passei pelo menos uma semana buscando livros e imagens que me remetessem conexão entre as duas cidades, bem como, referências que me colocassem no caminho da proposta a que se lançava. Coletei fotografias, caminhei por quase toda a cidade e nada evoluiu como estava planejado. Voltava para o ateliê e buscava na biblioteca da casa museu mais informações e pistas, assim também, passava horas na internet procurando materiais que pudessem relacionar minha proposta. Percebi que meu projeto estava caminhando por um viés que não me agradava e isso foi causando certo desconforto.

Numa tarde remexendo a mochila encontrei o pedaço de caco de cerâmica, olhei, apalpei e o guardei novamente. Naquele momento não imaginei que ele romperia a membrana nebulosa que eu estava envolvido. No outro dia, os mesmos percursos se compunham e nada excitante ocorria. De repente, me saltou aos olhos, um pedaço de raiz cheio de texturas retorcidas como uma trança de cabelo bem espessa que saltava como de uma bola de madeira pesada e repleta de terra. Coletei, e seguiu comigo até o ateliê. A ação foi espontânea e o encontro um acaso.



Figura 1: Primeira peça encontrada – nó/raiz da parreira. Maio/2016 (fotografia do autor).

Adiante, há alguns passos, avistei numa parede branca um imenso desenho preto, com um aspecto bastante orgânico e fluido, me aproximei e percebi que não era desenho. Eram as ramas da parreira que caminhava pela parede. Ali percebi que algo brotou da terra e me saltou aos olhos. Logo percebi que eu deveria recuar e deixar o processo acontecer sem condicionar nenhum resultado, permitir que os desvelamentos ocorressem ocasionalmente e que o fracasso pudesse me revelar novas descobertas. O desenho estava na cidade, mas não nos lugares que estava procurando. Logo percebi o que me projetou a ir para a cidade, foi um impulso acidental. Talvez, se este não tivesse ocorrido nunca teria passado por lá.

A raiz que coletei, o desenho dos galhos da parreira na parede que avistei e o caco de louça de cerâmica que apanhei, compuseram rapidamente uma palavra: *Arqueologia*. Cheguei à Fundação e corri buscar a origem etimológica da palavra, que assim a descrevia: *É a ciência que se utiliza dos processos de coletas e escavações, estuda os costumes e culturas dos povos antigos através de materiais (artefatos, monumentos, fósseis, entre outros) que restaram das vidas desses povos*. Logo, me coloquei nesses dois lugares, e o que estava fazendo? coletando fragmentos dos povos antigos, seja da Amazônia, seja de Portugal. De algum modo estava fazendo arqueologia, e então, percebi que o projeto se revelou num outro lugar, consolidou-se, portanto os desvios que se revelaram por meio de um fragmento, o caco de cerâmica. E assim, comecei a juntar peças que compusessem as cidades.

Arqueologias Afetivas - Escavações poéticas entre Amazônia e Portugal

Após longas caminhadas reflexivas, invoquei o *Flanêur* de Baudelaire, a fim de vagar pela cidade como alguém que anda pelo mundo com a intenção de experimentá-la, desfrutando de situações nada convencionais e nem usais para me encontrar com o desconhecido e inusitado. Nesse momento já tinha abandonado o projeto inicial dando espaço para uma nova descoberta que me fazia caminhar e explorar meticulosamente a cidade. Em seguida agreguei a esses pensamentos, os de Walter Benjamin, acerca dos artistas que ficavam a deriva pela cidade, os chamados "*Situacionistas*" que tinham em suas propostas artísticas a intenção de se perderem como investigadores estéticos de uma anti-arte, que daria sentido aos estímulos inesperados, "passando a noite inteira de bar em bar, discutindo e

sonhando sobre a revolução, aquilo que parece iminente, se torna uma forma de rejeição do sistema”. (Careri, 2005, p.92)

Por outro lado, me ocorreram às caminhadas dos artistas da Land art, que em *As Odisséias Possíveis* de Paulo Silveira (2008), o autor as destacam como ações efêmeras, pois, utilizavam-se de registros, fotografias, croquis, estatísticas e tabelas como forma de relato para suas futuras produções. Essas coletas e/ou coleções eram apresentadas nos espaços expositivos, e ainda, culminariam na produção de publicações. O artista Richard Long em *A Walk Past Standing Stones* (1980) compõe a publicação como resultado de suas andanças ao apresentar a natureza, as descrições, plantas, pedras e imagens diversas.

Agregados as esses questionamentos comecei a pensar em meu próprio corpo como catalisador de percepções e sensações, envolvido num sistema metodológico que pudesse agregar os sentidos nas caminhadas que realizava: Ver, Ouvir, Olhar, Caminhar, Admirar, Sentir, Perceber, Tocar, Aproximar, Pegar, Coletar, Lavar, Guardar, Proteger, Aprender, Prender, Soltar, Voar, Seguir, Ser.

A primeira frase anotada: “*Gosto daquilo que me impressiona, assim, como é impressionante o que os lugares causam em mim*” me motivou olhar, sem saber o que ia ver.



Figura 2: Percurso diário – o caminho de pedras e oliveiras. Maio/ 2016 (fotografia do autor).

Lembrei, portanto, do caco de cerâmica que levei comigo, e senti que aquele pedaço carregava consigo algo para além do fragmento. Voltei às sensações e sentidos que foram ativados em Sanfins do D´ouro.



Figura 3: Percurso diário – A vista da saída e chegada de Sanfins do Douro. Maio/ 2016 (fotografia do autor).

Percebi a dubiedade daquilo que sentia na pele, o frio, assim como, o calor do sol que me envolvia como um cobertor, acalantado pela mesa posta diariamente nas noites frias, com suas louças arrumadas, e a funcionalidade que cada uma tinha, a de receber os líquidos e os alimentos que comeria. Senti-me abraçado e encantado pela paisagem e a magia presente nos causos e histórias ouvidas diariamente nas caminhadas pelos transeuntes curiosos que me indagavam sobre o que eu fazia ali. Assim, senti a vontade de investigar com cuidado e encontrar sozinho os vestígios de vidas e histórias que o próprio lugar me diria.

Comecei pela raiz, lugar da fixação, de essência da memória, de preservação da vida. Lugar de arraigamento, de permanência em um local, de se prender, da necessidade de se estabelecer. Assim, as histórias de cepas de uvas chegaram a mim, primeiro pelos caules, galhos, folhas, frutos, até chegar ao líquido precioso, vermelho como o sangue. Quente como o carinho. Mas retornei as raízes, coadunadas as pedras/palanques que sustentam seus galhos e que desenham emaranhados suspensos, barras de xistos, semelhantes ao ferro, resistentes em sua

forma frágil/delicada ao toque metálico, cujas pedras arredondadas compunham no solo a sua sustentação e dava forma aos parreirais que avistava.

Dentre as caminhadas, entre descidas e subidas, surgiu um revirado de terra fresca e úmida, com rastros de pneus, forjado por um objeto escavador que, remexendo o solo, fez surgirem pequenos fragmentos de memórias.



Figura 4: O primeiro monte de terra ou os primeiros fragmentos. Maio/ 2016 (fotografia do autor).

Dentre a sorte de objetos, cacos de louças ficaram expostos, brilharam como lembranças imersas dentro de uma caixa que há muito tempo não se abria, e, então, pude tocar em memórias não vividas por mim e perdidas nas camadas de terras que as escondiam. Coletei alguns deles, embrulhei no casaco que serviu de sacola, e continuei a caminhada. Segui adiante, coletando folhas, galhos, pedras, terras e cacos, no percurso de Sanfins a Agrelos, cidade próxima de 45 pessoas adultas e uma criança. Agrelos era silenciosa como uma idosa, que havia passado por mim com suas vestimentas negras, de cabeça baixa dirigindo-se à Igreja, cujo interior silencioso era quebrado pela ladainha coletiva e diária das beatas.



Figura 5: Os fragmentos de louças e cacos coletados. Maio/ 2016 (fotografia do autor).

A ausência de sons da paisagem findou-se pelos gritos de um passado que ressoava em meus ouvidos e que me incitou a querer narrar este lugar em suas delicadezas escondidas e enterradas. Essa necessidade recém surgida se encheu de pleno sentido quando avistei um barraco de madeira que se despencava por umas das ladeiras daquele lugar, e que, pelos sinais, estava abandonado há muito tempo. Não pude me aproximar, pela ausência da rampa/calçada que um dia lhe deu acesso, mas pude ver de longe as panelas, canecas, talheres, um armário caído, uma cadeira solitária, um quadro de um santo católico e todo o resto tomado pelos emaranhados espinhosos da amoreira que abraçava o local, como se num desejo de entropia estabelecesse que aquilo voltaria para a terra, e que com ela se enterrariam na mesma memória, memória das raízes.

Rodeei o barraco para poder ter a visão de um angulo maior, mais amplo, e vi que lá em cima, suas paredes escoravam-se nas pedras que também rolavam pelo morro, e que debaixo dos galhos secos da amoreira haviam muitos cacos de louças quebradas, que, então, se somaram aos outros já coletados. Tentei reconstruir diversas histórias, mas como não sei como é a vida de um português, abandonei a ideia e deixei os cacos falarem comigo e me dizerem o que fazer. Segui adiante, admirando pedras postas e ordenadas em muros, ladeados por oliveiras retorcidas e centenárias.

Retornei a Sanfins, um sol forte me abraçou e junto a um vento fino e silencioso, rachou-me a pele e escreveu em meu rosto o sentido daquilo que deveria mostrar. Passei dias registrando a sombra dos cacos de louças projetadas pelo sol que me sugeria uma aura de proteção e preservação de uma memória não vivida. Outros cacos me pediram continuidade de seus desenhos e traçados; outros evocavam a sua ancestralidade, a sua relação terra/mineral, e, por isso, fundiram-se aos outros pratos de barro indígenas que encontrei nas ruas de Parintins, na Amazônia Brasileira, onde permaneci por um ano e meio, e que resultou nesse encontro entre águas/terras amazônicas e portuguesas.

Arqueologias Afetivas é o nome dado a essa coleção de memórias arqueológicas não vividas por mim, mas coletadas pelas minhas mãos, cujo afeto abraça-se ao desejo da mesa posta, à comida preparada e servida nas louças que se quebraram ou se romperam, ao cozinhar o alimento que será coletivo, compartilhado, à espera de seus afetos para a refeição familiar, à espera das visitas, da comunidade, de seus amores.

Arqueologias Afetivas é o encontro com aquela terra que me lembra a infância, vivida com meus entes queridos no interior do Brasil, no Sudoeste do Paraná, região esta que faz fronteira com uma outra cultura, com um outro país, a Argentina, e que bastante se assemelha à paisagem e à experiência do sentido de fronteira, que me foram possibilitadas pela vivência entre Portugal e Espanha.

A região dos parreirais de uvas, do vinho, da boa comida, da gente simples e solidária, da hospitalidade terrena e cultural, e do aconchego que o sol nos proporciona, fazem deste trabalho o sentido afetivo de sua proposição, sendo o resultado de uma escavação afetuosa que recebe a forma do meu abraço como um retorno pelo carinho e pela receptividade com a qual fui recebido. Assim sendo, a pesquisa se originou por um viés e caminhou por outras vias, encontrou novos percursos e se consolidou como trabalho artístico, confrontando lugares e buscando outros rumos. A pesquisa em artes visuais carece dessas maleabilidades, pois, acredito que nas fissuras e/ou intervalos estejam a sua sobrevivência, penso, assim como Aby Warburg este trabalho, (DIDI-HUBERMAN,2013) que o próprio lugar

deram vozes a elas, seja pelo aspecto cultural que me foi posto ou pelos territórios que pisei.

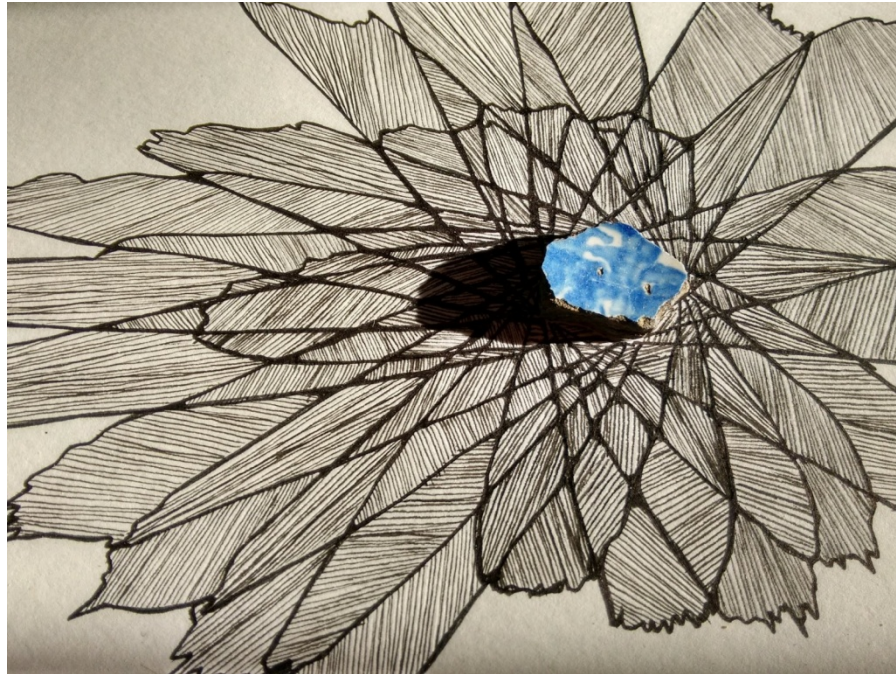


Figura 6: A preservação da luz nas sombras dos cacos coletados – Raios do Sol do D'ouro. Maio/ 2016 (fotografia do autor).

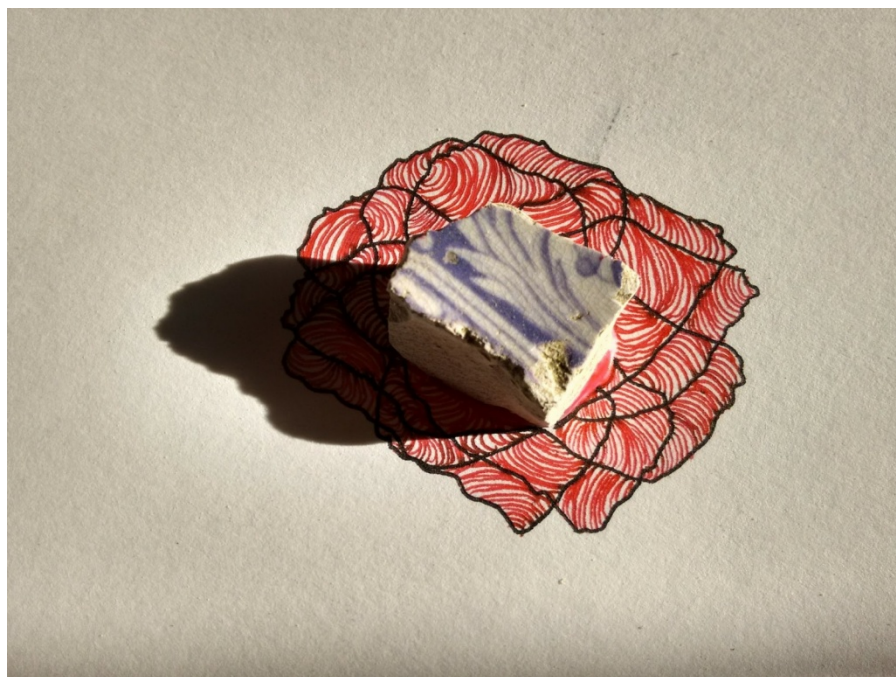


Figura 7: A preservação da luz nas sombras dos cacos coletados – Raios do Sol do D'ouro. Maio/ 2016 (fotografia do autor).



Figura 8: A preservação da luz nas sombras dos cacos coletados – Raios do Sol do D'ouro. Maio/ 2016 (fotografia do autor).

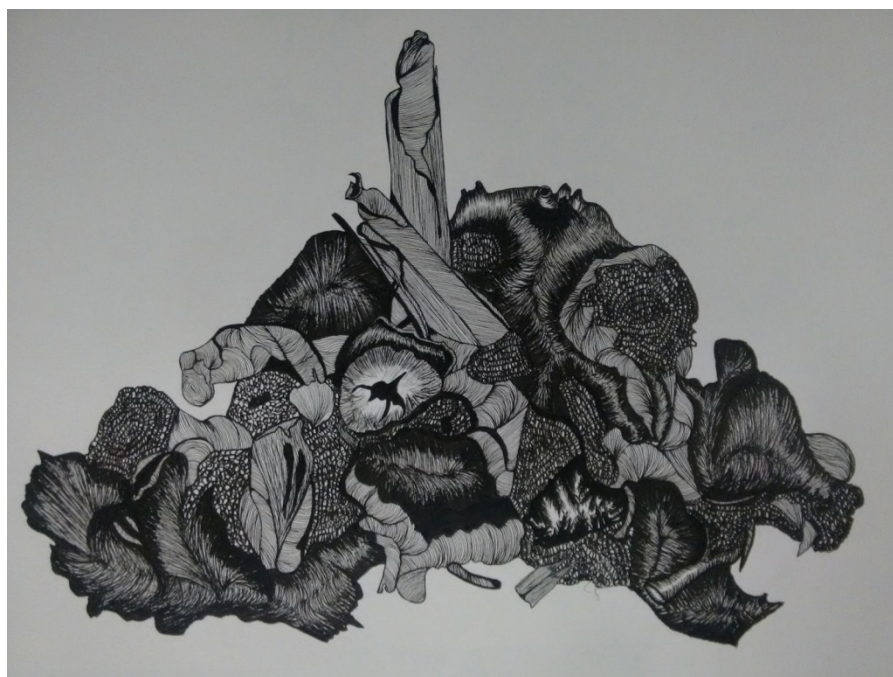


Figura 9: A preservação das nas sombras das raízes coletadas – Raios do Sol do D'ouro. Maio/ 2016 (fotografia do autor).

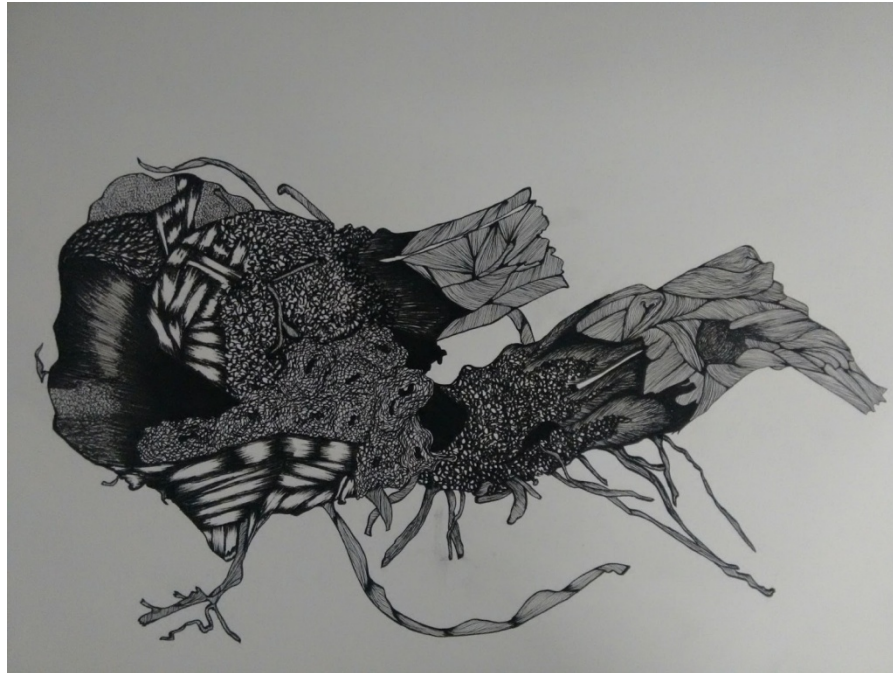


Figura 9: A preservação das nas sombras das raízes coletadas – Raios do Sol do D'ouro. Maio/ 2016 (fotografia do autor).

O título desse conjunto expográfico é tal qual o subtítulo – “*Arqueologias Afetivas - Escavações poéticas entre Amazônia e Portugal*” e compõe as séries: *A aura dos cacos* – cacos de louças e azulejos, *Incisões fósseis* – desenhos sobre pedras, *A preservação das sombras* – desenhos de raízes e minérios, *Fungos e Musgos* – Microfotografias em monóculos, *Simbioses* – composição com cacos portugueses e amazônicos, *A persistência dos cacos* – desenhos de continuação dos fragmentos e os próprios objetos coletados. Essa exposição esteve em cartaz no norte de Portugal nas Cidades de Vila Real e Sanfins do D'ouro entre agosto de 2017 a maio de 2018. Percorreram galerias de arte, bibliotecas de escola e a própria Fundação Casa-Museu Mauricio Penha que possibilitou a realização deste trabalho.

Referências

- CARERI, F. *Walkscapes, el andar como práctica estética*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2005. 203p.
- CHAPMAN, Michael. *Entre a ciência e a intuição*. Rio Grande:UFRG 2007. 07p.
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 1167p.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A Imagem Sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- SANTOS, Paulo. *Formação de Cidades no Brasil Colonial*. Editora: UFRJ. 3 ed. Ano: 2015.
- SILVEIRA, Paulo. *A Página Violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista* [online] . 2 nd. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, 319 p. ISBN 978-85- 386-0390-0.

SILVEIRA, Paulo. *As Odisséias Possíveis*. Revista Porto Arte: Porto Alegre, V.15, Nº 25, Novembro/2008.

ZAMBONI, Silvio. *A Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência*. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

Edson Macalini

Professor do Curso de Artes Visuais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf/Juazeiro-BA. Mestre em Artes Visuais – UDESC/2014. Graduado em Licenciatura em Artes Visuais – UNESPAR/FAP-2010. Realiza pesquisas e projetos em poéticas artísticas contemporâneas, ensino das artes visuais, desenho, gravura, múltiplos, publicações e livros e artistas, instalações, intervenções urbanas e arte disseminativa.